REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

25.º Anno — XXV Volume — N.º 859

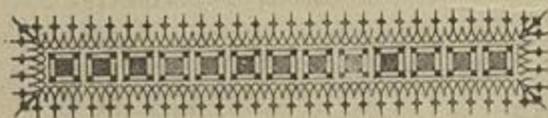
10 DE NOVEMBRO DE 1902

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

URBANO DE CASTRO — FALLECIDO EM 6 DO CORRENTE

CHRONICA OCCIDENTAL

Foi ha oito dias a commemoração dos fieis defunctos, a piedosa romaria aos cemiterios. Foi um dia de lagrimas em que se encheram de flores covas e tumulos. As flores seccaram, as lagrimas não.

Nos que se foram continuaremos a pensar. Cada amigo que nos morre com uma ferida nova reabre-nos velhas feridas mal cicatrisadas, leva saudades nossas para tantos que lá estão já.

Má epoca vamos agora atravessando. Estes primeiros dias de inverno costumam ser crueis. As despedidas de verão teem um triste dever a cumprir.

Andam os espiritos assustados e os corações inquietos.

Felizes d'aquelles a quem só apparecem, em volta da luz a que trabalham, borboletas brancas annunciando boas novas, a quem visitam sonhos de esperança viva, a quem o bater socegado do coração deixa, nas horas doces do scismar, architectar os castellos azues e côr de rosa da fantasia.

Que acerbos momentos foram agora os de muitas almas, quando um puxão brutal nos vinculos que a outras as ligavam as esfarrapou miseravelmente.

A dôr é egoista. Quem soffre ha de falar da sua dôr.

Pois alegrias tem havido e grandes, algumas que deveriam ser para todos.

Continua El-rei em Paris e a forma por que foi recebido pelo Presidente da Republica, os artigos que lhe dedicam os principaes jornaes de França, as sympathias que tem despertado, tudo nos faz prever que grandes vantagens devem para Portugal resultar da viagem do Sr. D. Carlos.

Deveriamo-nos alegrar com essa idéa, se as almas estivessem para alegrias.

Quanta miseria tambem nos deveria mover á piedade, se o dó pelo que mais nos feriu pudesse longe de nós estender-se. Cresce por toda a parte o numero dos crimes; os roubos em Lisboa, os assassinatos que nos contam os jornaes francezes deveriam accender-nos a commiseração por tamanhas miserias. Mas o lucto dos corações impede-lhes agora outro bater que não seja por sua pena mais intima.

De quantos mortos havemos de falar!

A' hora em que sahia a publico a minha ultima chronica, apoz dolorosa doença e cruel operação, estava expirando no hospital de S. José um homem que muita vez, impassivel, vira a morte adeante dos olhos e sem que elle recuasse um passo.

Guilherme Gomes Fernandes foi o criador da actual corporação dos bombeiros municipaes do Porto, denominada Corpo de Salvação Publica. Valente, dotado da mais extraordinaria presença de espirito, foram muitos os actos de benemerita coragem que praticou. Anecdotas de sua vida, que andaram de bocca em bocca, todas concorrem para maior fama de seu nome. Até á ultima hora soube mostrar a grandeza de seu coração. Morreu como viveu. Foi seu enterro uma verdadeira manifestação eloquentissima do apreço em que eram tidas suas altas virtudes.

Quasi ao mesmo tempo, fallecia em Cascaes José de Avilez, que foi nos seus tempos de mocidade um dos mais elegantes e formosos rapazes de Lisboa. Denodado cavalleiro, gostava de apresentar-se nas praças de toiros, onde muita vez sua coragem e elegancia lhe conquistaram ovações.

Casado com a filha mais velha do Conde das Galveias D. Francisco, era pae do actual conde d'este titulo. Ha poucos annos, casára-se pela segunda vez com a Sr.ª D. Francisca Pereira irmã do Conde de Bretiandos.

Victimou-o uma tisica que, ha muito, roubára aos seus toda esperança de salvação.

Sem esse preparo, que, sendo cruel, tira parte

da crueza á dor maior de todas, falleceu em sua casa de Paço d'Arcos, a que tinha tão grande amor, um collega nosso que todos estimavamos pela rectidão de seu caracter, Lino d'Assumpção, jornalista, dramaturgo, ultimamente exercendo com o maior proveito das lettras um alto cargo nos archivos e bibliothecas portuguezas.

Raras vezes o encontravamos agora, a não ser que de proposito o procurassemos. Todo entregue a seus dois amores, sua filha e seu trabalho, ou no conchehego do seu lar, em sua casa na Fonte de Maio ao norte da povoação de Paço d'Arcos, ou entre os livros e velhos in-folios de seu gabinete da bibliotheca publica, vivia, alheado do mundo, feliz, socegado emfim.

A ultima vez que o procurei, muito poucos dias antes d'elle morrer, me esteve Lino mostrando pergaminhos do convento de Lorvão que estava a custo decifrando, tão apagadas eram as lettras, tão encavaladas umas sobre as outras. Suas ultimas obras foi nos velhos conventos que para ellas achou assumpto. Com mortos estava vivendo ha muito

Em dia de defuntos o enterraram.

Que tristes foram estes dias! Entrou o inverno comnosco, o triste inverno. Que céo tão pesado e negro e como a chuva cahia puxada por um vento de temporal? Dia e noite era a mesma cantilena melancolica, os mesmos gemidos, o mesmo fustigar das bategas d'agua nos vidros da janella.

De repente, o vento amansou, as nuvens desfizeram-se, o sol de novembro brilhou no céo com seu quieto resplandor outomnal. Que fim de tarde aquelle! Que melancolia espalhavam as arvores despidas, o Tejo a reflectir a pallidez do céo, a côr suavissima dos montes da Outra Banda! Como exhalava saudades toda aquella paizagem avistada do cemiterio dos Prazeres, onde acompanharamos o cadaver de Urbano de Castro!

Uma tarde linda. Elle desejava-a assim para seu enterro. Alguma vez o dissera e essas coisas ficam lembrando. Fez-lhe o céo a vontade.

O cadaver do Urbano de Castro!... Como parece mentira esta meia duzia de palavras! Ha meia duzia de dias, eram um pesadêlo de que se acordava alegre, porque sonhar mortes dizem que é signal de vida; é hoje uma realidade... O cadaver do Urbano!

N'aquelle terceiro andar pobresinho da rua de S. Bento, illuminado por tanta luz que não adivinhava quem pela rua ia passando indifferente, apagou-se um dos mais altos espiritos da actual geração em Portugal, socegou para sempre um coração tamanho que n'elle coube tudo o que ha de maior no sentimento humano.

Se fosse possivel fazer um rosario de lagrimas, tenho por muito certo que ellas chegariam para outra vez puxarmos aos nossos olhos a imagem querida de sua alma que nos fugiu.

Para muitos elle foi amparo nas afflicções, para todos elle foi exemplo.

Ha bem poucas semanas, n'este *Occidente* lhe publicámos o retrato, e, porque o Urbano era vivo, tivemos de calar, para não offendel-o, o muito que nos dizia o coração amigo do mais amigo dos corações. Foi um mote — não passou de tão pouco — um mote escripto sobre o joelho e que hoje requeria uma glosa impressa nas azas alvinitentes d'um anjo com a luz das estrellas. Assim devia ser para que por toda a parte rutilasse e a todo o mundo servisse.

Bem o queria fazer e não posso.

O maior elogio que me é dado escrever n'este momento doloroso é lembrar — consolação maior de todas — o sentimento que li em todos os rostos, quando ao cemiterio acompanhei o querido amigo que, sempre, em minhas dôres e alegrias, me acompanhou desvelado. Em todos se lia um mesmo sentimento, o mesmo respeito; em todos uma saudade o olhar embaciava.

Não houve á beira d'aquelle tumulo, que se abria, um derradeiro olhar indifferente para o caixão, uma palavra fria a exaltar a obra do morto; houve muitas lagrimas sim, que são o sangue da alma, muitos gemidos que acharam ecco, muitas orações que subiram sem duvida até o seio de Deus.

Deveria aqui falar da obra do Urbano, de sua alta intelligencia e mais prodigiosas faculdades, de seu amor ao trabalho, de como foi jornalista e poeta, de como defendeu seus ideaes. Mas não posso.

Uma vez disse-lhe rindo: — Sabes tu, Urbano, uma coisa que temos quasi certa? E' que um de nós ha de fazer o necrologio ao outro.

Elle riu-se com a idéa e muita vez me falava n'isso. Mas viamol o tão longe! Quanta vez brincámos, para afastarmos tristezas da edade, fingindo-nos muito velhos, com mais de oitenta annos, caturrando um com o outro, e falando dos tempos de agora, dos nossos cincoenta, como se ainda fossem de mocidade!

O necrologio do Urbano!... Não lh'o faço, não lh'o posso fazer. A dôr é egoista. Mal posso falar d'elle, porque demais ainda estou pensando em mim, a quem elle faltou.

João da Camara.

URBANO DE CASTRO

Depois das palavras sentidas com que D. João da Camara registra na sua *Chronica Occidental* a morte de Urbano de Castro, nada mais poderemos dizer que exprima nosso sentimento ao vêr apagar-se a luz d'aquelle grande espirito.

A todos surprehendeu sua morte, porque elle era ainda moço e cheio de vida.

Ha pouco ainda fôramos de viagem no vapor de Cacilhas. Eu para a minha estancia de verão em Almada, elle para a sua, em Caparica.

Eu feliciteio pelo seu bom aspecto; estava nutrido, boa côr, e expressão despreoccupada, optimo.

Elle concordou que se sentia bem, e fomos conversando animadamente, até ao desembarque.

Em terra despedimo-nos; cada qual tomou seu caleche e, adeus... adeus.

Foi a ultima vez que conversámos; a ultima vez que o vi!...

Nem me foi dado ir ao seu enterro, porque um impertinente ataque de grippe me tem detido em casa ha quinze dias.

O Urbano que eu encontrei tão bem disposto já fez sua ultima jornada! Todos a havemos de fazer! Resignemo-nos!

*

A sua obra escripta é grande; não está em livros, mas dispersa por jornaes, desde o *Jornal da Noite*, onde elle ganhou suas esporas de ouro, até ao *Diario da Manhã, Correio da Manhã* e *Tarde*.

Custou-lhe um dia tomar a serio a politica. Tinha razão.

Foi quando Pinheiro Chagas, nomeado ministro da marinha, convidou Urbano de Castro a assumir a direcção do *Diario da Manhã*. Recusou a principio o encargo. Pinheiro Chagas insistiu, e por fim acceitou-o.

Foi deputado e iniciou-se, emfim, mais a fundo nos mysterios da politica. Tanto peior. Não lia por aquelle breviario e torturava-o ter de tomar a serio seu papel.

Quando um dia a politica poz em jogo a sua amizade com dois amigos politicos que elle teria de seguir a um ou a outro, não exitou um momento, deixou o artigo de fundo como tinha deixado a cadeira de deputado, e não seguiu nem um nem outro, continuando amigo de ambos.

Era este o seu caracter.

Apartou-se da politica e voltou á litteratura, onde se sentia melhor, onde podia dar largas ao seu espirito satyrico, á sua graça bem portugueza.

E bem portuguez elle era. Imaginação viva, viveu muito em poucos annos.

O amor da familia foi para elle um culto. Cuidou dos seus como se fôra pae de todos, elle que não tinha filhos.

Fôra educado n'aquelle santo amor que unia a familia portugueza e seu coração bom sentia-se bem assim.

Filho de Antonio Urbano Pereira de Castro, um legitimista firme nos seus principios, e de D. Felicidade Augusta Guerreiro de Brito, Urbano de Castro nasceu em Lisboa no dia 22 de janeiro de 1850.

Frequentou a Escola Polytechnica como alferes alumno, mas as musas attrahiam-no mais que as sebentas, e por fim deu baixa e empregou-se na secretaria da justiça.

Era redactor da Camâra dos Pares e membro do Conselho Dramatico.

Ultimamente entrára n'uma empreza litteraria com Alvaro Chagas, e estava muito satisfeito.

E entretanto elle era um doente em quem a doença adormecia por vezes. Agora acordou ella fatalmente e elle adormeceu para sempre.

C. A.

AS NOSSAS GRAVURAS

BEIRA

As gravuras que hoje publicamos relativas á Beira, são extrahidas do livro «O Territorio de Manica e Sofala» a que nos referimos em o numero antecedente.

A vista d'estas estampas mostra bem qual o desenvolvimento que a nascente povoação, creada pela Companhia de Moçambique, tem attingido em meia duzia de annos, alcançando os foros de cidade.

Mais de espaço voltaremos a este assumpto e publicaremos mais algumas vistas d'esta parte da Africa Oriental, de tanto interesse tem para o nosso paiz, e que não menos está interessando as potencias que pretendem alargar seus dominios coloniaes em Africa.

OS CIGANOS E O SEU DIALECTO

(Continuado do n.º 858)

IV

Qualificação de egypcios

Quem foi que qualificou de egypcios a raça dos ciganos e lhe juntou uma lenda que certamente não foi inventada por essa gente vagabunda?

Quem foi que tomando por fundamento os versiculos de Ezequiel, assimilou os ciganos aos antigos egypcios a quem o propheta israelita annunciára a destruição das cidades, vivendo durante quarenta annos espalhados entre os outros povos, e que só findo esse prazo fatal se reuniriam no seu reino devastado.

Que interesse politico ou zelo religioso excitou a espalhar a anedocta de que os ciganos vinham do Egypto para a Europa a cumprir a sentença que os tinha condemnado a viver errantes pelos outros paizes durante sete annos, em penitencia de terem negado a hospitalidade, quatorze seculos antes, a Maria e a seu filho Jesus, quando fugiam da perseguição de Herodes?

Não é facil definir.

Mas essa lenda apocrypha foi admittida favoravelmente nos primeiros tempos da emigração dos ciganos para a Allemanha, e tanto que Aventino consigna o facto de que se reputava como um crime maltratar os suppostos perigrinos egypcios, a quem se dava permissão de assaltar os viajantes nas estradas, roubar e praticar outros crimes deixando-os a justiça na mais perfeita impunidade.

E ainda mais ou menos provados citam-se diversos salvo-conductos, passaportes e diplomas concedidos a essas hordes errantes por varios imperadores e principes, notando-se especialmente como prodigos n'essas concessões o rei da Hungria, Ladislau II, Segismundo, os principes da casa de Bathory e até o papa Eugenio IV.

O professor Lourenzo Palmireno diz n'um periodo do seu livro *O cortezão estudioso* «que os ciganos existentes em Hespanha em 1540, apezar de mostrarem os salvoconductos de Segismundo que os designava como penitentes, não eram bem reputados, porque a vida que levavam era mais de assassinos e salteadores do que de penitentes.»

Fosse qual fosse a maneira como elles se apresentaram na Europa, o que é certo é que a sua apparição, quer entrando pelas provincias á direita do Danubio, quer pela costa da Andaluzia, ou simultaneamente pelos dois lados, juntando-se aos que por essa epoca emigravam pelos diversos pontos da Italia e França, chegando alguns até Gibraltar e outros aos ultimos confins da Polonia, denuncia a emigração d'um mesmo povo, do qual as chronicas, as leis e os juizes, durante os seculos XV e XVI, concordam em designar como naturaes do Egypto, d'esse povo a quem o vulgo, primeiro com credulo respeito, depois com aversão, considerou como penitentes christãos, descendentes dos que recusaram a hospitalidade a Maria e a Jesus.

Entretanto esta raça ignorante, que nunca conheceu o Egypto, nem o peccado em que incorreu, nem as prophecias de Ezequiel, que o desterraram por quarenta annos da sua patria, nem

os anathemas posteriores que o castigam com sete annos de egual desterro, que não tem ideia alguma da patria de seus avós, nem do culto por elles observado, conforma-se com o appellido de Egypcios, adopta-o em vez de o renegar, e é com elle que excita a caridade dos povos por entre os quaes ella vagueia errante, desprezada e miseravel, só respeitada e temida pela superstição.

No capitulo seguinte esboçaremos um pequeno quadro em que o sr. Quindale nos dá a ideia de como vivia a raça cigana em Hespanha, anteriormente ás perseguições de que os ciganos ali foram victimas no reinado de Fernando e Isabel.

V

A cigana de Sevilha

Ia já na declinação o estio de 1491. As hostes dos reis catholicos combatiam no ultimo reducto os mouros granadianos.

Os ciganos considerados já como uma raça diversa dos musulmanos, viviam entre os christãos, como viviam os hebreus, se bem que estes ultimos tivessem alcançado uma poderosa influencia pela sua sciencia e riquezas, influencia que os ciganos nunca poderam obter.

A' hora em que os raios ardentes do sol incidiam com maior intensidade, vagueava pelas ruas de Sevilha, n'aquelle momento solitarias, uma cigana coberta de andrajos.

Seguia cautelosa, inquirindo com olhar desconfiado as sinuosidades do caminho, tal como o tigre ao sahir do seu covil, quando observa a planicie em que se encontra.

A's costas, presa d'uma manta atada á cintura, transportava uma creança de dez a doze mezes, trigueira como ella, de olhos expressivamente vivos, mas onde já se denunciava a desconfiança e a falsidade. A creança apoiava a barba sobre um dos hombros da cigana, segurando-se com os braços no peito d'ella.

N'esse olhar de estranha resolução e vivido explendor, que ainda na mais tenra infancia distingue o cigano, adivinhava se que a sua raça teve origem em terras longiquas, e que é a mesma que desde remota antiguidade se encontra em promiscuidade com os povos de todas as nações, ou por ter perdido a sua patria nos primeiros seculos, ou porque, como diz a sua lenda, foi desde a sua formação eternamente maldita.

Descendem dos Zinganes, d'esses habitantes de Muntal das margens do Zind, reduzidas á vil especie de parias, professando um odio inextinguivel ás outras raças, capazes de todos os crimes para a destruição d'ellas.

Era d'este povo a cigana coberta de andrajos, que vagueava pelas ruas de Sevilha.

Ao chegar ao humbral d'uma magnificente morada parou.

Atravez da grade que interceptava a entrada via-se um atrio descoberto rodeado de galeria, tendo o seu balcão decorado por custosas colchas de damasco, e no chão, dispostos alguns tamboretes e coxins mouriscos.

A parte descoberta era resguardada do sol por um toldo de lona, e ao meio do atrio elevavam-se d'uma fonte de marmore fios de purissima agua, recebidos em trabalhosa concha de Carrara, dando áquelle ambiente tão consoladora frescura, que chegava a esquecer-se a temperatura esbrazeante de fóra. Circundando o atrio e ladeando duas escadas lateraes que communicavam com a galeria, viam-se vasos de pozzolana ostentando as mais raras plantas, algumas das quaes desabroxando em cachos de flores multicolores enebriavam os sentidos com o conjunto dos seus aromas tão penetrantes e variados.

Na galeria acha-se sentada uma senhora das mais nobres de Sevilha, rodeada de tres meninas, suas filhas, notando-se em todas ellas uma rara similhança nos olhos negros, cabello escuro, formas caprichosamente torneadas, e gesto grave e sobrio com que acompanham as palavras que se dirigem mutuamente.

Estão todas, mãe e filhas, entregues ao trabalho de bordar a lantejoulas e matiz de ouro um sumptuoso paramento de altar.

A cigana puxou a corrente da sineta pendente fóra da porta.

— Quem é? — Perguntaram de dentro, a uma voz, as quatro ditosas habitantes d'aquelle paraizo.

Não obtendo resposta, mesmo dos logares que occupavam, fizeram girar a grade nos gonzos.

Então as tres donzellas ao verem penetrar a cigana no atrio, exclamaram com pronunciada accentuação de terror:

— Ave Maria purissima!

A cigana avançou lentamente, porem com uma expressão de vigor e agilidade que assimilhavam ao abutre, quando do alto da rocha bate as azas disposto a cahir sobre a descuidada preza.

Donzellas de Sevilha que vos assustaes só do aspecto d'essa cigana, se suspeitasseis quanta maldade abriga n'aquella alma, essa mulher de casta *romani*, contra todas as demais castas, contra os *busnos*, como na sua linguagem alcunham os ciganos aos que não são da sua raça, morrerieis de terror, e muito maior justificação teria a vossa exclamação apavorada!

Quando fala, o seu pensamento traduz mui diversamente o que lhe sae dos labios:

«— O Deus do Egypto seja n'esta casa para vos abençoar nobre senhora! (Mau fim seja o teu, vil cortezã!)

— «Deus abençõe tambem a essas tres virgens que vos acompanham! (Que os mouros usando da violencia as maltratem e deshonrem!)

— «Compadecei-vos, senhoras, d'esta pobre vagabunda, descendente d'esse povo que veiu d'alem mar fazer penitencia do seu grave peccado, pois quiz castigal-o Deus por ter negado asylo a Maria e a seu filho Jesus, quando fugiam ás perseguições do rei Herodes! Até a agua do Rio Nilo, que no Egypto corre para todos, nós recusamos á mãe santissima e a seu divino filho!

— «Ordenou Deus que fizessemos penitencia e tudo nos tirou: patria, pão, casa e cama! Só nos deixou a sciencia de adivinhar o futuro e de conhecer a sorte dos outros povos, para que assim podessemos mendigar nossa misera alimentação!

— «Oh! quem como os egypcios pode ler nas estrellas? Quem como elles pode ler na mão aberta? Quem como elles pode predizer o bem e o mal? Dar-vos boas ou más novas? A pobre mendiga entra n'esta casa para predizer-vos a vossa ventura! (As chammas a devorem e aos que n'ella se abrigarem!)

— «Minha nobre dama! (mil serpentes te estrangulem e esmaguem!) Vosso marido encontra-se para lá dos muros de Granada combatendo com o rei Fernando os mouros infieis! (Que uma bala o alcance e despedace!)

— «Estará de volta antes de tres mezes, trazendo captivos vinte agarenos, ostentando seu peito o mais precioso colar de acendrado ouro, premio do seu heroico valor! (Que ao entrar n'esta casa ella se desmorone e esmague!)

— «E aos nove mezes justos do seu regresso Deus vos dará uma formosa creança, merecido fructo de amor que abençoará e prolongará a vossa felicidade! (Que o sal do baptismo se torne em veneno que o mate!)

— « A vossa mão, senhora! As vossas mãos donzellas! Mostrae-mas abertas, quero predizer a todos a ventura que as espera no futuro! (Que um raio seja mandado do ceu para vos consumir!)

— «Permitti-me entretanto que eu cante a canção do Egypto a invocar do espirito da sabedoria que illumine o cerebro d'esta pobre vagabunda!»

E dizendo isto a cigana mudou subitamente de expressão.

As suas inflexões que até ali eram plangentes, n'um falar cadenciado, tornaram-se de subito violentas, entoando um cantico extravagante, agitando os braços e lançando ao redor de si um olhar espantado e vago.

Tinha posições e requebros singulares, causando pavor a sua gesticulação febril.

Acompanhava o cantico com palmas e apoiava as mãos na cintura. Outras vezes sentava-se, traçava as pernas, levantava-se nos bicos dos pés, bamboleava-se para a direita e para esquerda e saltava em direcções diversas.

A creança acompanhava-a tambem soltando gritos agudissimos, e por fim a cigana arrebatou-a nos braços, atirou-a ao ar como se fosse uma péla, recolheu-a, tornou a atirar com ella, e novamente a aparou nos braços.

Nem a nobre senhora, nem suas filhas, nem as criadas que presenciavam aquella scena, mudas de espanto, comprehendiam o estribilho da canção cigana:

Corajay diquelo abillar,
Ta ne asislo chapescar, chapescar.
(Al moro veo venir
Pero no acierto á huir, huir)

— «Vossas mãos, vossas mãos, que a todos se diga a *buena dicha*, volveu a cigana em linguagem comprehensivel.

E as mudas espectadoras d'esta extravagante scena, mortas a um tempo de curiosidade e de terror, desceram a escada presas d'um supersticioso receio e deixaram que a cigana lhes predicesse o futuro, esmolando-a depois generosamente.

....

Tal era a cigana dos tempos de Fernando e Isabel, os reis catholicos; devendo accrescentar-se que n'esta exposição nada ha de phantastico, porque fielmente n'ella se observa a este respeito o que escreveram os contemporaneos de então.

(Continúa). *Julio Rocha.*

FÉ E SCIENCIA

«Est-il vrai, comme on l'a prétendu, que la science et la philosophie soient nécessairement irréligieuses?»
Charles Waddington — *Dieu et la Conscience.*

«Os que se recusam a confessar o Deus Creador, a Providencia, a alma livre e immortal, o Christo Redemptor, a Egreja, mestra infallivel da verdade religiosa e moral, repudiando os mysterios do dogma, cuja obscuridade resulta da desigualdade dos dois termos na relação entre o finito e o infinito, crêem na materia eterna e infinita, na ordem saindo do acaso, na evolução sem plano, na superioridade do effeito á causa, na identidade do movimento e do pensamento, na geração do conceito de liberdade pelo mecanismo universal.»

Nemo (José Fernando de Sousa) — *E pur si muove!*

Fé e sciencia! — Estas palavras não são antitéticas nem se destroem por antagonismo irreductivel.

Vou emprehender uma digressão:

Quando comtemplamos na historia a marcha do ser humano através das edades e pretendemos designar cada um dos grandes periodos de sua evolução, ficamos deslumbrados pela phantasia das creações, pelo extraordinario dos resultados, pela audacia dos commettimentos.

Não admira que assim succeda, desde que é tão especioso e fraco o agente de tantas maravilhas.

Antes que o espaço immenso contivesse myriades de soes brilhantes em seu seio mysterioso e que a luz que dá scintillações á estrella ferisse uma pupilla de homem, já era o primeiro artista, o artista divino de quem fála o rugir do oceano e a quem sorrie o incendido arrebol das alvoradas.

A arte existiu sempre; é coeva da eternidade e coessencial do Infinito.

«Quando a arte, escreveu Véron, cessa de ser a expressão sincera e espontanea do sentimento geral; quando, em vez de traduzir directamente a impressão commum e a emoção verdadeira de toda a gente, ou pelo menos da grande maioria dos individuos, ella se applica a analysar os seus proprios meios de acção, faz d'estes meios o fim de seus esforços e perde de vista o principio mesmo da arte, que é a sinceridade e a espontaneidade da emoção.»

Tem o homem no espelho da natureza quadros amplissimos e modelos impeccaveis aonde se valer, se tiver estimulos na consciencia e rasgos de inspiração nas faculdades do espirito.

Ha só uma lei a que deve submetter-se, justissima e rasoavel, — a sinceridade!

Platão, aquelle philosopho insigne da Grecia classica, honra e lustre da especie a que pertencemos, proclamou com súmmo acêrto para todas as gerações, que: «O bello é o esplendor da verdade.»

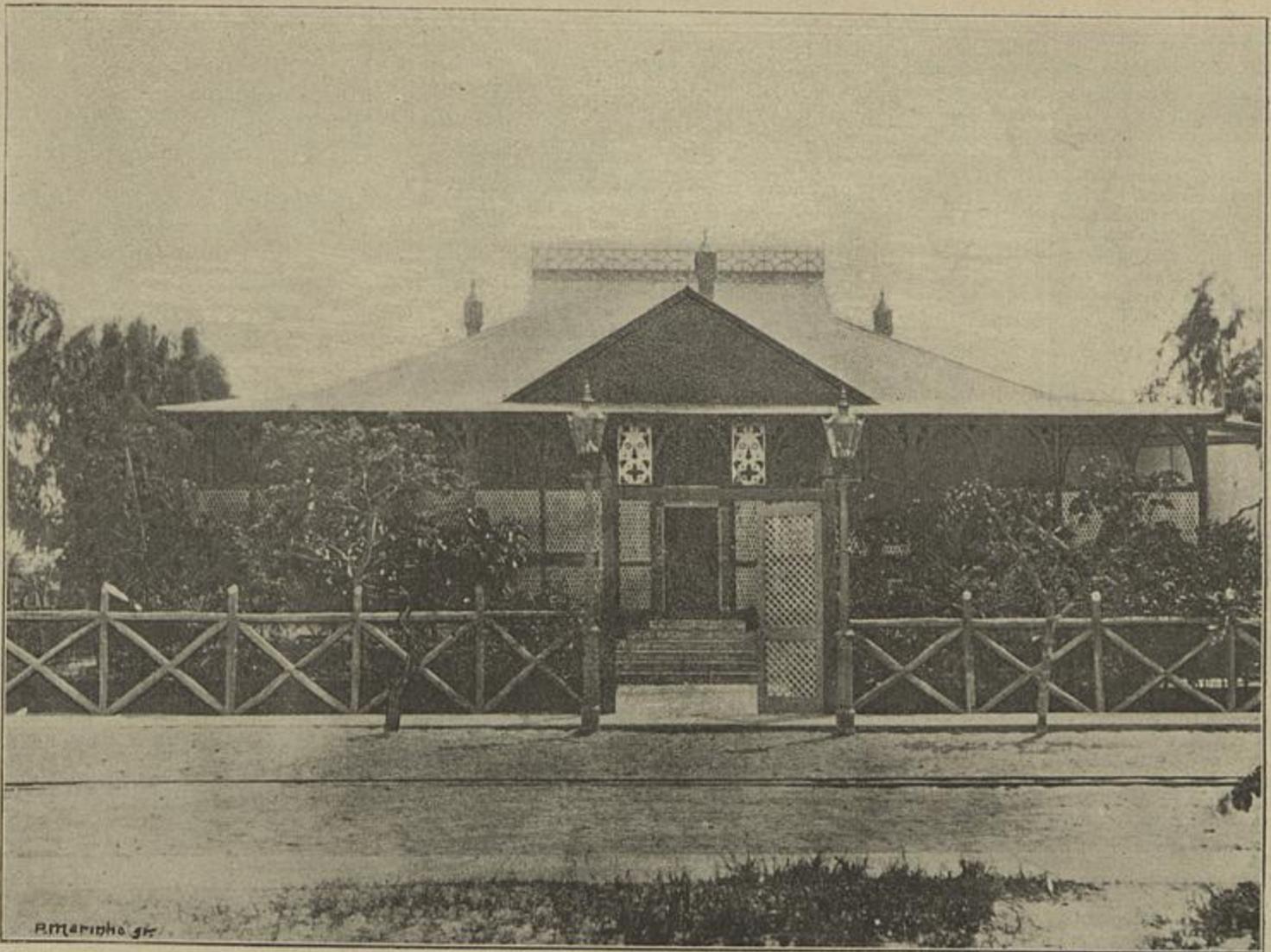
Ser artista na significação pura da phrase, é abominar a mentira, obedecer sempre e em tudo á visão ideal da intelligencia ou ao typo já realisado que se intenta reproduzir.

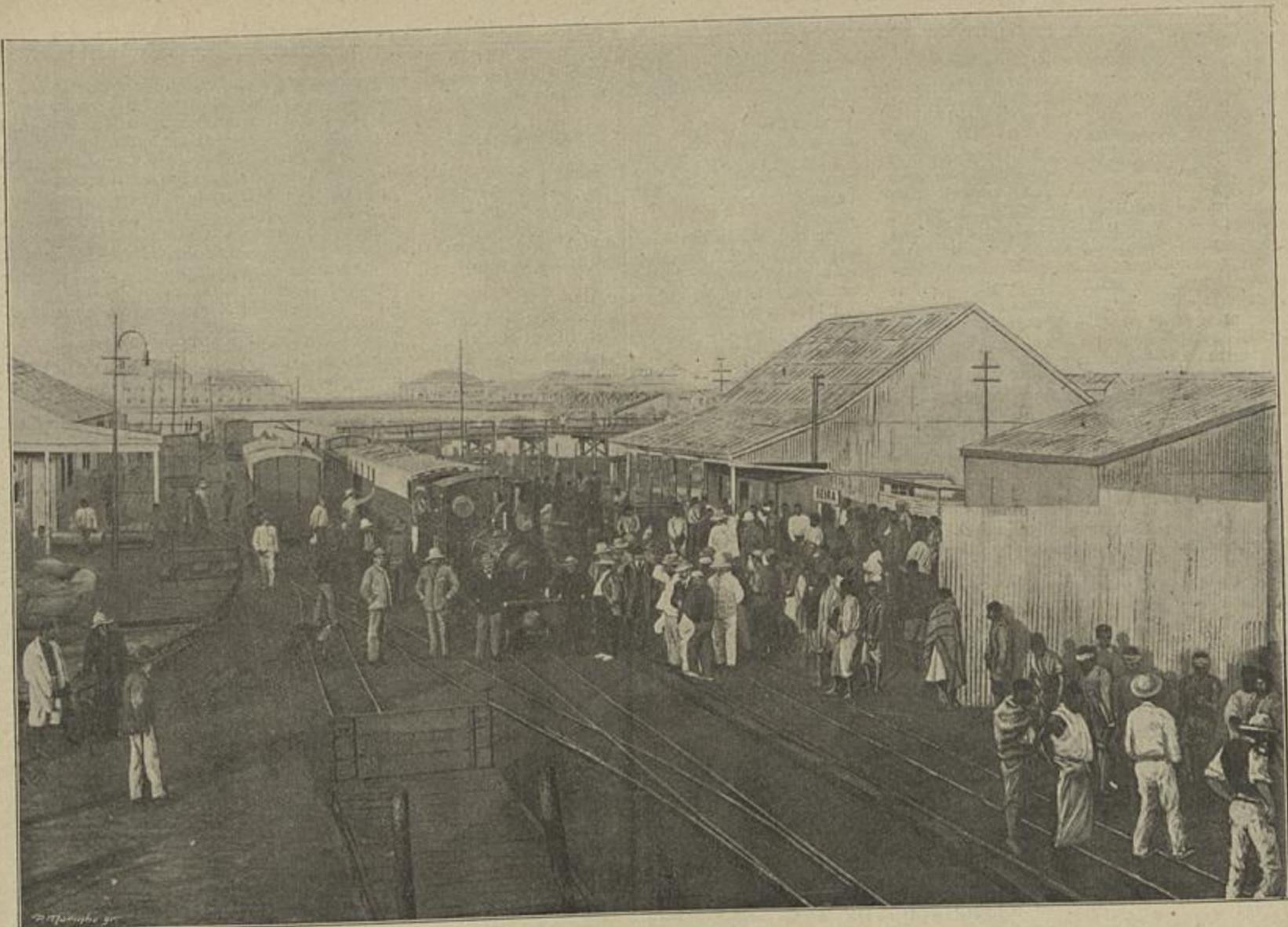
O papel da arte na civilisação dos povos é tanto ou mais importante que o das legislações.

E se estas podem por vezes offerecer aspectos de severidade aterradora, aquella, filha genuina da Divindade, reflecte inherente á face candida o matiz suavissimo das auroras e a serenidade indizivel que abriga extatico n'uma aura de sympathia o espirito dos justos.

Timbre e padrão gloriosissimo da humanidade, a arte representa tambem um poder de lenir miserias concedido generosamente para engradecimento moral de todas as gentes.

A eterna belleza do Universo, estructura artistica e sublimada, faz-nos reconhecer em nossas proprias manifestações e obras outras tantas revelações incontestaveis de sua acção.

O selvagem em seus trabalhos informes e grotescos, o uso de signo-sâmão e os systemas e modos de combater, a gruta praticada no rochedo e o palacio rico de marmores e opulentado pelo pincel do genio, tudo são revelações da arte, e

TERRITORIO DE MANICA E SOFALA — BEIRA — Residencia do governador

TERRITORIO DE MANICA E SOFALA — BEIRA — Chegada de um comboio

TERRITORIO DE MANICA E SOFALA — BEIRA — O comboio de via estreita

TERRITORIO DE MANICA E SOFALA — BEIRA — Praça Luiz Ignacio

desde o utero materno até o instante suprêmo em que o coveiro deita a ultima pá de terra sobre o cadaver esplende vivificante e creadora a immortal. O facto de ser insciente ou não consciente nunca póde excluil-a, bem como o fogo latente não deixa de o estar por tal circumstancia. Gostamos muito do grandioso, causa-nos impressão mais entranhavel e duradoura a imagem em que paira a sombra da magestade e a eloquencia do genio, mas estes phenomenos animicos a que estamos sujeitos naturalmente não tiram o valor real a descobertas humillimas de ignorados obreiros dos pristinos tempos, as quaes fôram producto de luctas titanicas e de esforços gigantescos.

É sempre a arte que ahi se destaca em seu throno de rainha aurifulgente : a fórma é que nem sempre apresenta a imponencia a segregada aos Phidias, aos Raphael e aos Miguel Angelo, abençoadas crystallisações da humanidade no decorrer dos seculos! »Se a arte antiga em sua serenidade esplendida é a arte dos felizes, exclamou Vinet, se a arte puramente realista constitue a alegria do vulgo, a arte christã consola os que têem crenças ainda mesmo quando são desgraçados.»

Arte! eu te saúdo: em teu diadêma constellado de diamantes purissimos incidem como relampagos inextinguiveis os beneficios que de ti promanam para as gerações.

Estão abertas diante do homem as paginas rutilas de um livro portentoso: os phenomenos da Natureza!

E não precisa o ser humano conhecer nenhum dos signaes alphabeticos para poder lêr correntemente em suas linhas admiraveis e perfeitissimas; basta-lhe apenas a luz da intelligencia sobredoirando o exercicio regular dos sentidos.

Ainda que a sua pupilla não fosse impressionavel e que o nervo optico não tivesse virtude de transmissor, seriam de sobra os restantes vehiculos animaes que, pondo-lhe em contacto o corpo organico com o mundo exterior, não só poderiam suggerir-lhe idéas elevadas mas até fornecer-lhe elementos copiosos que o habilitassem á leitura e comprehensão do livro da Natureza.

É lá que nós encontramos os melhores modelos de ordem politico-social e de economia previdente.

A abelha e a formiga são de facto exemplar eloquentissimo do que póde a inteireza da disciplina e a logica de bom governo.

Não conheço nem nas civilisações antigas, classicas ou modernas nem nos tempos contemporaneos povo algum, por mais alto que haja subido no refulgir da gloria, que imitasse de longe quer no labor de seu esforço quer no cuidar da vida particular aquelles dois élos da cadêa zoologica, um dos quaes fabrica o mel por excellencia e o outro, recheando de provisões os seus celleiros occultos nas entranhas do globo, ensina os homens a prevenir com antecipação atilada as eventualidades do futuro.

Não quiz Deus unicamente crear os mundos como outros tantos hymnos de louvor a sua magestade omnipotente, dotou-os de opulencia captivante em riquezas moraes, tornando-os escola incomparavel de primeiros principios, legitimo estimulo de fé e lição perenne do ente racional que elle destinára em seus mysterios divinaes á realeza da terra.

Não posso nem cabe em nossas forças traçar embora n'um quadro pallido a imagem fiel da Natureza, a um tempo laboratorio immenso das operações mais complicadas e machina sublime na disposição maravilhosa e no movimento inicial. Campo soberbo onde o sabio logra devassar arcanos de sciencia, fonte inexgotavel de inspiração para o genio do artista, é tambem espelho mágo que reflecte o poder suprêmo de punição em suas convulções subitas e em cataclysmos irreparaveis.

Satisfaço-me com passear a vista na extensão limitada por meu horisonte e com deixar-me tomar de enlêvo na contemplação muda de suas phases diversas, restrictas ao meio que me cérca.

O estro dos poetas cantou-a desde a aurora do periodo historico, e o pincel e a palêta dos mais insignes pintores de todos os seculos traduziram na téla que immortalisou os mestres eximios das escolas mais celebres os aspectos multiplices de suas paisagens formosissimas e as côres suaves de suas deslumbrantes e vaporosas condensações atmosphericas.

O que porém a Natureza faz patente ao homem sobretudo é a verdade lustrál de um ser Todo-Poderoso e eterno. O sôpro dos ventos, o gemer das ondas, o raio sibilando são como que lettras scintillantes abatendo o orgulho da fragil creatura humana em seio de mesquinha miseria e levantando a alma do crente até approximal-a do seu Deus!

És ó Natureza um altar da Divindade e um preexcelso brado terrifico para os apostolos do nada!

Nada! — esta palavra não tem significado objectivo no sentido absoluto.

O proprio zero isolado, é inegavelmente um signal correspondendo a um juizo! Nada, é termo essencialmente relativo do mesmo modo que inercia.

Se hoje existimos, este simples facto de nossa existencia actual envolve implicita e necessariamente a eternidade do ser.

Logo, sempre foi alguma coisa.

Tal é a conclusão a que a intelligencia humana chega por deducção regular, submettidos que sejam os phenomenos da vida a seu exame detido e uma vez postas as premissas de seu raciocinio em harmonia com as leis logicas. Dizer que o Universo brotou de *nada* é these tão chimérica e disparatada como seria affirmar que os algarismos não exprimem relação de especie alguma! O esforço de imaginação para conceber o nada absoluto, por si mesmo basta como argumento de contraprova. Semelhante esforço, concentrando multiplicidade de elementos, é deveras protesto original não mentido contra a hypothese do nada.

(Continua) *D. Francisco de Noronha.*

A natureza e seus phenomenos

I

PHYSICA

PARTE I

A GRAVIDADE

CAPITULO I

Das propriedades geraes da materia

I — EXTENSÃO

Todo o corpo occupa espaço — Uma meza, uma arvore, um livro, occupam espaço na natureza — Ao espaço occupado por um corpo, chama-se *extensão.*

A extensão dos corpos é variavel consoante o espaço occupado por estes — O corpo que occupar maior espaço será mais *extenso*, do que aquelle que occupar menos, e vice-versa — Se o livro occupar menos espaço que a meza, diremos que a meza é mais extensa que o livro, e vice-versa, o livro menos extenso que a meza.

Do resultado da comparação entre a extensão dos corpos, resulta a sua *medição. Medir* é pois comparar uma extensão com outra.

A extensão que tomamos para ponto de comparação é a *unidade.*

Para a medição de um corpo, necessitamos conhecer as suas dimensões.

A extensão de um corpo com uma só dimensão, *comprimento*, diz-se extensão linear.

Uma linha é uma *extensão linear.*

A medição das linhas é feita por meio de uma regua graduada ou *metro*, unidade adoptada no systhema actual de medidas. Esta unidade divide-se, ainda, em *decimetros, centimetros* e *millimetros*, que correspondem respectivamente á decima, centissima e millessima parte de metro.

Se a linha que pretendemos medir fôr contida duas vezes na unidade *metro*, diremos que o seu comprimento, é de dois *metros* Se a linha fôr contida, uma vez na unidade metros, duas vezes na unidade decimetro, tres, na de centimetro, e uma, na de millimetros, diremos que a sua extensão é de um metro, dois decimetros, tres centimetros e um millimetro ($1^m,231$)

Para medições de grandezas infinitamente pequenas, utilizamo-nos do *nonio*. Consta este instrumento de uma pequena escala que se applica á escala de qualquer outro instrumento podendo girar ao longo d'esta. A escala geral divide-se, a maior parte das vezes, em millimetros.

A differença entre uma das divisões do *nonio* e uma divisão da *escala* a que o instrumento se applica, chama-se *natureza do nonio*. Se a escala principal fôr dividida em millimetros e o *nonio* tiver 10 partes, a natureza do *nonio* será de um *decimillimetro* (decima parte de um millitro)

Fig. 1 — Nonio

Para fazer uso do apparelho, una-se o extremo da escala principal com um dos extremos do corpo a medir. Em seguida, faça-se girar o *nonio*, até que o zero da sua escala coincida com o outro extremo do mesmo corpo, observando-se qual a divisão do *nonio* que coincide perfeitamente com a divisão da escala. Na fig. 1, é a divisão 6 que coincide. A dimensão da extensão será, portanto, além da extensão indicada na escala principal, de mais 6 decimillimetros.

Se nenhuma das divisões coincidir, tomar-se-ha aquella que mais se approximar. O *cathetometro* e o parafuso *micrometrico* servem egualmente, para medir pequenas extensões, mas d'elles não nos occuparemos, visto que apenas pretendemos um estudo da physica de uma forma geral e muito elementar.

O nonio pode tambem applicar-se á medição de linhas curvas, isto é, áquellas que não teem porção nenhuma plana. A sua forma é, n'este caso, curvilinea, mas a sua disposição é semelhante á do nonio rectilineo A escala principal é dividida em graus, e a do nonio, em partes eguaes do grau.

Cada grau é dividido em 60 minutos, e estes, em 60 segundos. Se n'uma *circumferencia* (curva que goza da propriedade de todos os seus pontos serem egualmente distantes de um ponto fixo, chamado centro), fizermos a divisão do seu todo, em 360 eguaes, a cada uma d'essas partes, denominaremos um grau.

O grau é pois a 360.ª parte da circumferencia.

Indicámos, de uma forma geral, a forma da medição das extensões lineares.

A extensão composta de duas dimensões: *comprimento* e *largura*, denomina-se *superficie.*

A mais simples de todas as superficies planas, é o *plano*, e das superficies curvas, a *circumferencia.*

Medir uma superficie, é achar a sua area.

O processo mais geral consiste, em fazer o producto das duas dimensões da superficie, sendo o resultado, a sua area.

Este processo não pode, no emtanto, utilizar-se, para todas as superficies.

Se quizermos, por exemplo, obter a area de um *triangulo* (figura composta de tres lados, fechando espaço) teremos de multiplicar a sua altura, por metade do comprimento da base.

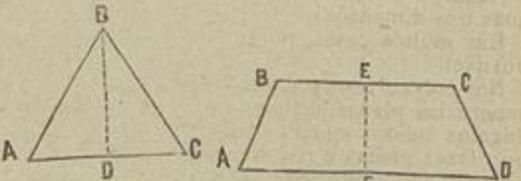



Fig. 2 (a) — Triangulo Fig. 2 (b) — Trapesio

No triangulo A B C, de altura, B, D, e base A C, a sua area será egual a $\frac{A\,C}{2} \times B\,D$.

A area de um trapezio (fig. 2-b) obtem-se multiplicando a sua altura E F pela semi-somma das bases parallelas $\frac{A\,D + B\,C}{2}$

Logo, a area do trapezio será: $\frac{A\,D + B\,C}{2} \times E\,F$

Todas as outras superficies rectilineas planas podem ser decompostas em triangulos, e então, obter-se-ha a area d'essas superficies, sommando a area de cada um dos triangulos em que esta foi dividida.

Superficies curvas. Como dissemos, a mais simples de todas as superficies curvas é a *circumferencia.* Ao espaço comprehendido entre o centro e a peripheria da circumferencia, denomina-se *circulo.*

A area de um circulo é egual ao quadrado do

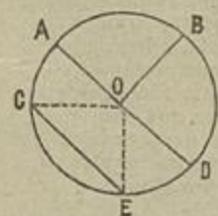
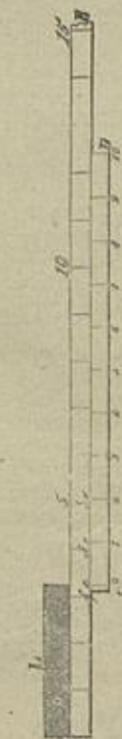



Fig. 3 — Circumferencia $\frown$ OA-OB-OD raios — AD diametro — $\overset{\frown}{OAB}$ sector $\overset{\frown}{CE}$ segmento

raio (linha que une o centro da circumferencia a qualquer dos pontos da sua peripheria), multiplicado por 3,1416, numero que designa a relação entre a circumferencia e o seu *diametro* (linha que divide a circumferencia, em duas partes eguaes).

A area do *sector* $\widehat{OAB}$ (espaço comprehendido entre dois raios de circulo) é egual ao producto do raio pela metade do arco comprehendido.

A area do sector $\widehat{AOB}$ é, portanto, egual a $\frac{AB}{2} \times r$, sendo r, o raio de circulo.

Temos pois, de achar o valor do arco A B rectificado, isto é, medil-o como se fosse uma linha recta, e, em seguida, de multiplicar metade d'esse valor, pelo raio.

A area do *segmento* $\widehat{CE}$ (distancia entre o arco $\widehat{CE}$ e a corda C E, de um circulo) é egual á area do sector $\widehat{COE}$, menos a area do triangulo C O E.

A area de uma *ellipse* (curva que gosa da propriedade de ser censtante a somma das distancias de cada um dos seus pontos a dois pontos fixos) é egual á area do circulo cujo raio é meia proporcional entre os dois semi-eixos da *ellipse*.

O ponto O é o centro da ellipse, F, F' os focos A B, o eixo maior, C D, o eixo menor, MF e MF' os raios vectores.

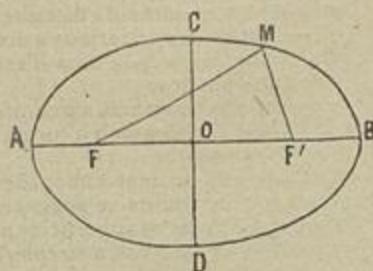



Fig. 4 — Ellipse

Como a area do circulo é egual a $3,1416 \times r^2$, e sendo r^2, na ellipse, egual a $O A \times O C$, será a area da ellipse egual a $3,1416 \times O A \times O C$.

A extensão com tres dimensões (comprimento, largura e altura, espessura ou profundidade) chama-se *volume*.

Achar um volume é calcular o producto das suas tres dimensões.

Em muitos casos, porém, este processo é impossivel.

Nos *polyedros regulares* (solidos limitados por superficies planas, fechando espaço nos quaes os angulos solidos eguaes entre si, são constituidos por faces planas e regulares) facilmente poderemos adoptar o processo acima citado. N'um *cubo*, por exemplo (polyedro composto de 6 quadrados fechando espaço), o seu volume é calculado, achando a area de cada um dos quadrados componentes da figura e multiplicando a pelo numero d'elles; n'um *octaedro* (polyedro composto de 8 triangulos eguaes), teremos de calcular a area de cada um dos triangulos e multiplical-a pelo numero d'elles, etc., etc.

(Continúa) *Antonio A. O. Machado.*

O burgomestre engarrafado

(ERCKMANN CHATRIAN)

(Conclusão)

Quando nos sentámos á mesa, uma curiosidade muito natural levou Hippel a a informar-se do que se passara na povoação depois da sua morte.

— Provavelmente, disse elle á estalajadeira com um sorriso amavel, conheceu o antigo burgomestre de Welchre.

— O que morreu ha tres annos de uma apoplexia?

— Esse mesmo, respondeu Hippel fixando na mulher uns olhos penetrantes.

— Se conheci!... Era muito original aquelle velho avarento que pretendia casar commigo. Mas se eu adivinho que elle durava tão pouco tempo, não lhe tinha dito que não.

Esta resposta desconcertou um pouco o meu companheiro: o amor proprio do burgomestre ficava n'elle muito mal parado. Emtanto póde conter-se.

— N'esse caso, não o amava.

— Podia lá amar um homem feio, sujo, repugnante, mesquinho, avarento!

Hippel levantou-se para consultar o espelho. Vendo as suas faces rechonchudas e córadas, sorriu tranquillamente e tornou a sentar-se deante de um frangam que trinchou com todo garbo.

— O burgomestre, disse elle, podia ser tudo que queiram: isso nada prova contra mim.

— Acaso o sr. é parente d'elle? perguntou, surpresa, a vendeira.

— Eu? Nem sequer o vi em toda a minha vida. Diga apenas que uns são feios, e outros bonitos. Lá por ter um nariz no meio da cara como o vosso burgomestre, não se segue...

— Certamente: o sr. nem sequer tem o que se chama ar de familia.

— Alem d'isso, accrescentou o meu amigo, não sou avarento; o que prova que não sou o vosso burgomestre. Traga-nos outras duas garrafas do melhor.

A estalajadeira afastou-se, e eu aproveitei a occasião para advertir ao meu amigo que se não deixasse arrastar pela conversação, que podia descobrir-lhe o incognito.

— Que dizes, homem! exclamou indignado. Por quem me tomas? Deves saber que sou tão burgomestre como tu; aqui estão os meus papeis, que não me deixarão mentir.

E puxou do seu passaporte.

N'isto voltou a vendeira.

— Veja, senhora, lhe disse, veja se os signaes da pessoa do burgomestre combinam com estes.

E leu:

— Nariz grosso. Beiços salientes. Olhos pardos. Cabello castanho escuro. Barba cerrada. Estatura mediana. Presença avultada.

— Pouco mais ou menos... mas o burgomestre era calvo.

Hippel levou a mão á cabeça, dizendo:

— Pois ninguem poderá dizer que sou o burgomestre.

A estalajadeira julgou que o meu amigo não estava em seu perfeito juizo; mas como elle se levantou, pediu a conta e pagou, não entrou em mais pormenores.

Ao chegar á porta, voltou-se para mim e disse com enfado:

— Vamo-nos embora.

— Espera um pouco, disse-lhe eu

— Que queres?

— Quero que me leves ao cemiterio onde jaz o burgomestre.

— Isso é que não, retorquiu Hippel com horror, Nunca! nunca! Queres lançar-me nas garras de Satanaz? Eu, de pé na minha propria sepultura! Isso seria contra todas as leis da natureza. Não o comprehendes assim, Luiz?

Socega, Hippel. Estás n'este momento sob o imperio de poderes invisiveis, que extendem sobre ti as suas redes, tão subtis que ninguem as pode perceber. Necessita-se um grande esforço para desfazel-as; é preciso restituir a alma do burgomestre, e isso não se pode fazer senão sobre o seu tumulo. Ou queres ser o detentor d'essa pobre alma? Seria uma usurpação manifesta, e eu conheço-te demais para suppor te capaz de semelhante infamia.

Estes invenciveis argumentos tiveram a efficacia de decidil-o.

— Pois bem, respondeu, terei valor para pisar os restos, cuja metade mais pesada supporto. Não permitta Deus que me seja imputado semelhante latrocinio. Vem d'ahi, pois; vou conduzir-te ao cemiterio.

E precedeu-me a passo rapido; com o chapéo na mão, a cabeça desgrenhada, como um desgraçado que realisa o ultimo acto de desesperação e se excita a si mesmo para não fraquejar.

Cruzamos muitas viellas e passámos a ponte de um moinho, cuja pesada roda rasgava um branco manto de espuma; seguimos depois por uma vereda que atravessava uma pradaria e chegámos, emfim, ao campo santo, cercado de uma taipa bastante alta.

Em um dos angulos estava o ossario e no outra fronteiro uma casinha rodeada de vegetação.

Hippel entrou de roldão na casinha, onde vivia o coveiro, ao momento occupado em esculpir uma cruz. O trabalho absorvia-o de tal maneira, que só deu por Hippel quando lhe cahiu em cima, pelo que se levantou com inquietação Mas o meu amigo olhou-o tão fixamente, que o homem ficou immovel por espaço de alguns segundos

— Amigo, disse-lhe eu, faça-nos o favor de conduzir-nos á sepultura do burgomestre.

— Não é preciso, saltou Hippel; sei perfeitamente onde é.

E sem mais, abriu elle mesmo a porta que dava para o cemiterio e deitou a correr como um insensato por cima das sepulturas.

— É esta, gritou, parando deante de uma.

Com toda a evidencia estava possuido do espirito do mal, porque na passagem derribara uma cruz branca cercada de rosas; a cruz de um menino, de um anjo.

O coveiro e eu seguimol-o a passo mesurado.

O cemiterio era bastante grande. Espessos hervaçaes se elevavam a tres pés do solo e os chorões arrastavam por elle as suas cabelleiras; mas o que mais me prendeu a attenção foi uma parreira que corria ao longo da parede, e coberta pelos frondosos ramos de uma exhuberante vide, tão carregada de cachos que tocavam uns nos outros.

— Esta fertilissima parreira deve produzir-lhe muito.

— Oh! exclamou sorrindo malignamente. Muito menos do que o senhor pensa. Ninguem quer comprar-me estas uvas: o que vem da morte para a morte torna.

Fitei aquelle homem e notei que olhava de revés e nos seus labios contrahidos vagava um sorriso falso. Não dei pois nenhum credito ao que me disse.

Chegamos á sepultura do burgo-mestre, que estava ao pé da taipa. Em frente havia uma enorme cepa, tão vigorosa, tão tumida, que parecia engasgada como uma serpente boa. As raizes penetravam sem duvida até o fundo dos ataudes, onde compartiam com os gusanos a substancia, e o fructo era de um roxo violeta, ao passo que o das outras vides tinha uma cor branca levemente avermelhada.

Hippel, apoiado nas cepas, parecia estar mais tranquillo.

— Você não come estas uvas, disse eu ao coveiro, mas vende-as

O homem empallideceu, fazendo um movimeno negativo.

— Vende-as em Welchre, sim, senhor, tornei eu, e posso citar-lhe nma casa onde se vende vinho d'estas uvas... A estalagem da *Flor de liz*.

O coveiro tremeu dos pés á cabeça.

Hyppel quiz estrangular o miseravel, e foi precisa a minha intervenção para que não o fizesse.

— Malvado! exclamou o meu indignado amigo. Fizeste-me beber a alma do burgomestre, por tua causa, miseravel, por tua causa perdi a minha individualidade.

Mas de repente passou-lhe pelo espirito uma idéa luminosa, encostou-se á parede e tomou a celebre attitude do *manenkenpis* brabantez.

— Louvado seja Deus! exclamou voltando-se para mim. Devolvi á terra a quinta essencia do burgomestre, e sinto-me alliviado de um peso enorme.

Uma hora depois, seguiamos o nosso caminho, e o meu amigo Hippel recobrava o seu natural bom humor.

METEOROLOGIA

Outubro-Novembro de 1902

Observações diarias

Dias	Barometro	Temperaturas extremas	Céu	Vento	Chuva
	mm	° °			mm
31	765,1	20,0–12,3	Nublado	NNE	0,0
1	761,0	17,9–11,7	»	»	0,0
2	758,5	17,9–10,2	»	»	0 0
3	753,6	15,9–10,5	Encoberto	NE	12,0
4	733,7	18,9–13,1	Nublado	S	7,2
5	754,3	16,7–13,6	Encoberto	E	0 9
6	754,2	15,9–12,0	Nublado	WNW	44,1
7	764,2	17,9–14,0	»	W	8,3
8	764,9	17,9–13,8	»	SSE	0,0
9	764,8	17,0–10,2	P. nublado	NNE	28,0
10	761,5		Encoberto	»	0,0

CHRONICA METEOROLOGICA

Como previramos, o tempo modificou-se, a partir de 2 de Novembro, com grande baixa barometrica, tendo sido o minimo de $747^{mm},7$, em 5, á tarde. As chuvas foram torrenciaes com vento muito variavel e pequenas fluctuações na temperatura. Em 3 observaram-se chuvas violentas em todo o reino (Serra da Estrella $138^{mm},0$. Campo Maior $73^{mm},0$. Montalegre $58^{mm},0$. Faro e Beja $34^{mm},0$, acompanhadas de trovoadas, na maior parte dos postos. Em 5, registaram-se: na Serra da Estrella $91^{mm},0$. Vendas Novas $63^{mm},0$. Faro $57^{mm},5$. Lisboa $44^{mm},1$. Guarda $41^{mm},0$. Coimbra $37^{mm},2$. Lagos $36^{mm},0$, etc.) Tempo variavel em 9 e baixa thermometrica sensivel. Temporal durante a noute de 10, com vento forte do sul e chuva.

NECROLOGIA

GUILHERME GOMES FERNANDES

Filho de paes portuguezes Guilherme Gomes Fernandes nasceu na Bahia, mas trouxeram-no para a Europa na idade de tres annos, sendo educado em Inglaterra.

Ao terminar seus estudos fez uma viagem por toda a Europa e veiu por fim estabelecer sua residencia na cidade do Porto.

Dedicou-se com enthusiasmo ao *sport* e muito especialmente á gymnastica, no que se distinguiu e alcançou grandes triumphos.

Em 1874 organisou o serviço de incendios na cidade do Porto, e com o concurso de amigos, creou um corpo de bombeiros voluntarios sob a presidencia de El-rei D. Luiz. Quasi á sua custa comprou no estrangeiro todo o material preciso para o serviço de incendios.

Tão relevantes serviços prestou com o seu corpo de bombeiros voluntarios, que em 1885 foi nomeado inspector dos incendios do Porto.

A' sua custa foi sempre aos congressos de bombeiros no estrangeiro e á sua custa transportou o material e nove bombeiros que o acompanharam a Londres em 1893 e a Lyon em 1894 a tomar parte nos exercicios internacionaes que ali se realisaram.

Está ainda na memoria de todos os triumphos alcançados por Guilherme Fernandes e os seus bombeiros, n'aquelles certamens.

A sua coragem e agilidade gymnastica permitiu-lhes obrar prodigios de valor em muitos incendios a que assistiu.

Ninguem o excedia em dedicações. Alma aberta a todos os grandes sentimentos praticava a caridade sem ostentação.

Por vezes publicou na imprensa, suas impressões de viagem

Entre outras condecorações que lhe ornavam o valoroso peito, contava a da Torre Espada do *valor, lealdade e merito*.

Morreu em Lisboa no hospital de S. José, sucumbindo a uma operação dolorosa, apesar da sua organisação robusta.

NECROLOGIA

GUILHERME GOMES FERNANDES
FALLECIDO EM 31 DE OUTUBRO DE 1902

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Os vinhos portuguezes genuinos condemnados como falsificados *por A. J. Ferreira da Silva — Lente da Academia Polytechnica do Porto. Director do Laboratorio Municipal da mesma cidade, etc. Porto — 1902.*

N'este opusculo reuniu o illustre chimico portuguez sr. A. J. Ferreira da Silva, um sabio de reputação europeia, umas elucidativas notas sobre os trabalhos a que deu origem a questão dos vinhos suppostos salicylados no Brazil, com a apreciação do sr. H. Pellet e muitos outros documentos.

Como se sabe esta questão dos nossos vinhos no Brazil tornou-se irritante, mercê da interpretação dada pelo Laboratorio Nacional de Analyses á existencia de acido salicylico accusada pelo processo de pesquiza Pellet Grobert, querendo ver uma addicção fraudulenta no que era simplesmente um elemento de composição natural, sem importancia alguma para a hygiene, visto verificar-se a presença do acido na reduzida proporção de $^{9}/_{10}$ de milligramma por litro, o que mostra uma verdadeira niquice do analysta, como bem o demonstra o sr. Ferreira da Silva, escudado não só na sua reconhecida competencia profissional como ainda na apreciação do proprio auctor do methodo empregado o sr. Pell. Honra seja ao distinctissimo professor que assim attesta a genuidade dos vinhos portuguezes

Documentos de Diogo de Tovar — *Inedito dos fins do seculo* XVI *ou principios do* XVII — *dado á estampa por A. F. B.* — *1902* — *Minerva Commercial*—*Evora.* 8.º de 26 pag. — Não se pense ao ler este titulo, que o opusculo é uma colecção de *documentos* no sentido hoje restricto da palavra, colecção de cartas, alvarás, provisões ou coisa similhante; *documentos* está alli no sentido inteiro da palavra latina, *preceitos, regras, ordenações &*, que Diogo de Tovar escreveu em disticos, na medida de versos de redondilha menor, não rimados. Uns delles assaz obscuros, outros engenhosos e alguns engraçados Por exemplo:

A quem te queira enganar,
Engana-o sempre primeiro.

Não procures desengano,
Se vives bem enganado.

O que falla se arrepende,
Quem não tropeça, não cae.

Assim o Sr. Barata publicando este opusculo, fez mais um serviço ás letras patrias, que esperamos não será o ultimo, attento o seu indefesso trabalhar.

O DICCIONARIO DAS SEIS LINGUAS

POR FRANCISCO D'ALMEIDA

Francez, allemão, inglez, hespanhol, italiano e portuguez

EM UM SÓ VOLUME

Este utilissimo livro divide-se em tres partes: 1.ª Trata das diversas pronunciações figuradas. — 2.ª É propriamente o texto do Diccionario, tendo por base a lingua franceza. — 3.ª *É o indice geral alphabetico de todas as palavras das cinco linguas* seguidas da respectiva traducção sempre em francez, *que é a base do Diccionario*, permittindo assim a consulta rapida do termo de que se quizer saber a traducção.

É esta 3.ª parte a chave do Diccionario e a mais importante para quem não conhecer todas as linguas.

Cabe a Portugal a honra de ter apresentado á Europa culta uma obra de tão grande valor

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

PREÇO

Portugal, Colonias e Hespanha: Vol. broc. 5$000, enc. 5$500,
Extrangeiro: Vol, broc. 5$500, ou Fr.s 25

Capas para encadernação da obra a 500 réis

EMPRESA DO «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — LISBOA

GIL VICENTE

Por Jacinto Ignacio de Brito Rebello

Um volume illustrado com os retratos do **Poeta**, de **D. João III** e **D. Sebastião**, **Rainhas**, **D. Maria**, **D. Leonor**. **D. Catharina**, **Infantas D. Maria**, **D. Beatriz**, quadro do **Casamento de El rei D. Manoel**, **Custodia de Belem**, vista de **Guimarães**. retrato de **Garrett**, **Tumulo supposto de Gil Vicente**, **fac-similes**, etc.

Edição de luxo. Preço 500 réis

Já saiu do prelo e está á venda em todas as livrarias e na

EMPRESA DO «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — LISBOA

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE
Para 1903

Está á venda este interessante annuario profusamente illustrado e com uma linda capa a côres, representando o **Monumento a Affonso de Albuquerque.**

PREÇO 200 RÉIS, CARTONADO 300 RÉIS

Recebem-se encommendas na

EMPREZA DO «OCCIDENTE»
Largo do Poço Novo
LISBOA

Descobrimento das Filippinas

PELO NAVEGADOR PORTUGUEZ

FERNÃO DE MAGALHÃES

Por CAETANO ALBERTO

1 vol. illustrado 500 réis franco de porte.

Empreza do «OCCIDENTE»
Largo do Poço Novo — LISBOA

METEOROLOGIA POPULAR

Por Antonio A. O. Machado

Com uma introducção por D. JOÃO DA CAMARA

O melhor livro para estudar e conhecer o tempo, tão util aos agricultores como aos navegantes, etc. 1 volume illustrado com gravuras 200 réis.

EMPRESA DO «OCCIDENTE» — LISBOA